





# CECILIA

AS MULHERES QUE AMAMOS





© 2026 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®  
CECILIA – AS MULHERES QUE AMAMOS

Publicado nos EUA e UE  
Primeira impressão 2022 (1.ª edição)  
Referência Interna SP2022.02 | 08.06.2022 | 14:53  
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos electrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, excepto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



*Para todas as mulheres que foram uma mulher  
na vida de alguém,*

*não porque se somem, como nomes numa lista que a vaidade  
dos homens depois conta mal, mas porque cada uma, tendo du-  
rado muito ou pouco, tendo ficado perto ou partido para onde já  
não chega a nossa explicação, acrescentou ao homem que a amou  
uma forma de ver, de perder, de desejar, de esperar...*

*Somos também isso, os livros que lemos,  
as viagens que fizemos,  
as mulheres que amámos e  
talvez só se possa chamar amor ao que, depois de passar,  
não se deixa reduzir a um número  
ou a uma lista.*



# Prólogo

Somos todos os livros que lemos, todas as mulheres que amámos, todas as personagens que inventámos para sobreviver às mulheres que não conseguimos esquecer e somos, também, que é a parte que raramente admitimos, porque a vaidade masculina tem o estômago delicado e não digere certas verdades sem queixa, as feridas que essas mulheres nos deixaram ao partir, feridas que o tempo não cicatriza mas transforma, como a chuva transforma o mármore: a água passa, a marca fica e, nessa marca, existe uma forma que não pertencia ao mármore nem à chuva mas ao longo encontro entre os dois.

A frase podia acabar antes. Acabou, de resto, noutro livro, noutro começo e diante de outra mulher. Mas há mulheres que obrigam uma frase a continuar, que não cabem no aforismo nem na dedicatória nem no epítáfio que lhes gostaríamos de conceder, que chegam sempre acompanhadas da sua própria contradição, da sombra que as duplica, da pergunta que não se cala por mais que tentemos soterrar as perguntas debaixo de outras histórias. A Cecília é uma dessas mulheres. Ou foi. Ou talvez continue a ser, o que é sempre a forma mais perigosa e a mais honesta de uma mulher permanecer na vida de um homem: já não estando, mas recusando-se, com uma presença que só ela possuía, a desaparecer de vez.

Escrever sobre ela é aceitar desde o início uma dificuldade que tem qualquer coisa de cómico, se a comédia não tivesse aqui, como tem, um fundo de ruína que boa pontuação nenhuma consegue esconder. Já escrevi sobre a Cecília muitas vezes. Não com este nome. Não sempre com este rosto. Não sempre nesta cidade exacta, porque a exactidão em literatura é muitas vezes apenas indiscrição com boa letra e má pontuação e eu sempre tratei de não ser completamente indiscreto quando poderia ser completamente verdadeiro. Dei-lhe outros nomes com a mesma música, outros apartamentos com a mesma luz oblíqua da tarde milanesa, outras circunstâncias com o mesmo cheiro de determinação que havia nela quando entrava numa sala, pequenas máscaras de prudência narrativa, suficientes para que ninguém pudesse dizer com segurança: é ela. E, no entanto, era quase sempre ela. Era ela mesmo quando eu assinava a contracapa convicto de que não era.

Era ela quando aparecia num *thriller* financeiro, luminosa e impossível, a atravessar uma sala com a naturalidade arrogante de quem chegou

ao mundo com as provas todas já feitas e não sente necessidade de as exibir e era ela quando a personagem sabia mais do que todos os homens à sua volta e fingia saber menos para os deixar chegar primeiro a uma conclusão que ela tinha alcançado há tanto tempo que já quase a tinha esquecido e era ela quando a mulher conduzia demasiado depressa nas estradas que descem para o lago como se a velocidade fosse uma opinião que o carro expressava por ela e quando entrava numa reunião e a gravidade do espaço mudava de sítio como se um planeta tivesse chegado à órbita e quando olhava para um homem com aqueles olhos verdes de quem leu o relatório completo da sua alma e encontrou ali mais notas de rodapé do que teses, era ela, era sempre ela, era ela mesmo quando eu jurava que não era e talvez especialmente nesses momentos.

Talvez este livro comece aí, na tentativa tardia, provavelmente injusta, absolutamente necessária, de separar a Cecília das Cecílias ou das Mariangelas que inventei. A mulher da personagem. A memória do desejo. A vida da literatura. Ou, mais provavelmente e esta honestidade custa mais do que parece, na tentativa de perceber qual delas foi mais verdadeira: a que existiu diante de mim, com uma inteligência quase física, dessas que se sentem antes de serem demonstradas e persistem depois de a demonstração ter acabado. A que ficou na memória, já contaminada pela distância e pelo orgulho ferido e pela ternura, que nunca desapareceu completamente e isso também é preciso dizer e por esse vício masculino, pouco recomendável e muito praticado, de transformar perda em estilo, como se a elegância de uma frase pudesse substituir o que ficou por dizer. A que eu gostaria que ela tivesse sido para mim. A que gostaria que tivesse sido comigo. A que não gostaria e esta pequenez ainda me envergonha, que tivesse sido com ele.

Com o Matteo.

Chamemos-lhe Matteo, ou filho da puta, o que é quase a mesma coisa e porque não se chamava assim e porque a literatura, nas suas horas de maior consciência, ainda encontra dentro de si a decência mínima de não devolver aos mortos o nome e as qualidades de pulhas que tiveram em vida. O Matteo foi, durante anos, a minha personagem mais maltratada. Punha-lhe máscaras horripídeas, dava-lhe intenções que manchavam tudo o que tocavam, colava-o aos piores negócios e às piores traições e às conspirações mais viscosas que encontrava à mão. Se precisava de um homem fraco, ele servia. Se precisava de um homem perigoso, servia igualmente, essa é a crueldade conveniente da ficção, não ser obrigada a escolher entre as contradições do modelo. Fiz aquilo que os cobardes talentosos fazem desde que existe escrita: descolei, torci, escondi e exagerei. Transformei

um homem real numa função narrativa. Ele não era o Matteo. O Matteo era a minha vingança e eu sabia disso e fiz na mesma e depois ele morreu.

O cancro tem essa brutalidade indecente de tornar pequeno quase tudo o que julgávamos grande. O ciúme, por exemplo. A rivalidade. A necessidade de ter razão sobre alguém que já não pode contradizer-nos. A morte entra numa sala e arruma as personagens com uma autoridade que nenhum escritor possui e depois dela certas maldades literárias ficam com um som diferente, não deixam necessariamente de ser verdadeiras, porque a morte não santifica ninguém, esse seria um sentimentalismo barato e bacoco que me recuso a comprar, mas tornam-se mais difíceis de usar. Ou pelo menos deveriam, que é coisa diferente de se tornarem.

A Cecília casou-se com ele. Depois de mim, veio ele. Quer dizer, ele já era antes de mim, mas tornou depois de mim, depois do que fomos, veio outra vida inteira... e esta frase, que gostaria de escrever com uma serenidade quase romana, com a equanimidade que os estóicos cultivaram e que os escritores fingem quando a situação exige, tem dentro de si, queira eu ou não, qualquer coisa de adolescente e ridículo que não consigo extirpar por mais páginas que ponha entre mim e ela. Eu, que tantas vezes transformei bancos e governos e famílias inteiras em peças de xadrez ou puzzle narrativo, nunca consegui ser inteiramente elegante perante a evidência simples, banal, até, que é o que mais incomoda, de que uma mulher amada pode escolher outro homem e sobreviver perfeitamente a essa escolha.

Pior, pode ser feliz.

Ou parecer feliz, que para o ciumento literário é quase a mesma ofensa. Pois, ela nunca foi feliz com ele, adianta já, neste bocado de texto.

Foi, sim, miseravelmente infeliz.

A Cecília tinha a rara qualidade de pertencer a qualquer lugar sem se deixar reduzir por nenhum. Dividia-se entre Milão e Vicenza como quem sempre soube que pertencia a dois lugares ao mesmo tempo, ou até a três, ou quatro, quase como aconteceu com os homens, os carros, as casas, os barcos ou como os rios que não têm uma margem preferida mas atravessam igualmente as duas. E havia os outros lugares: Lago di Como, Saint-Moritz, Provence, Saint-Barth, esse mapa europeu discreto onde certas pessoas não viajam propriamente, apenas mudam de cenário, porque o cenário é delas, porque a luz parece tê-las esperado, porque o dinheiro de família aprendeu a não fazer barulho e onde, quando ainda o faz, é logo e imediatamente corrigido.

Era italiana de uma maneira que não precisava de provas nem de bandeiras. Italiana na disciplina da beleza, na inteligência da proporção, na forma como sabia que uma mesa, uma frase, uma saia, uma decisão e um

silêncio podem estar certos ou errados por poucos milímetros e que a diferença nesses milímetros é tudo o que separa o suficiente do exacto ou um gesto com as mãos. Podia sair de um laboratório, de uma reunião de gestão, de um jantar no lago ou de um quarto de hotel em Saint-Moritz sem parecer deslocada em nenhum desses mundos, porque o seu mundo era ela própria e ela própria cabia em todos os outros sem se diminuir.

Trabalhava com polímeros, o que sempre me pareceu uma ironia quase perfeita. Polímeros: estruturas longas, ligações repetidas, matéria que se transforma sem perder a sua natureza essencial, resistência, elasticidade, memória molecular, a capacidade de recuperar a forma depois de submetida à pressão. Havia nela algo disso. A Cecilia compreendia a matéria e compreendia o poder. Sabia pensar como académica e agir como gestora. Tinha essa combinação rara e ligeiramente perturbadora de rigor e intuição, de ciência e de estratégia, de curiosidade e de comando. E não era apenas brilhante, pois há pessoas brilhantes com quem se gosta de conversar mas de quem não se quer depender, há inteligências que iluminam a sala sem a moverem, era operacionalmente brilhante, o que é uma categoria diferente e muito mais perigosa quanto interessante. A Cecilia servia para decidir.

E depois havia o Porsche. Aquele carro.

Um carro de homens, dizem os homens, sempre prontos a declarar propriedade simbólica sobre objectos que não inventaram sozinhos e que, frequentemente, nem sabem conduzir como deve ser. A Cecilia conduzia um Porsche da única maneira que era dela, ou seja, não para provar nada a ninguém, não por provocação, mas porque gostava da máquina, da resposta, da precisão, talvez da insolência veloz daquelas estradas italianas que descem para o lago com uma curvatura que parece feita para ser atravessada depressa por quem não está a pedir licença à paisagem ou aos outros. Lembro-me de a ter visto partir. A imagem continua intacta: a mulher alta no carro baixo, as mãos firmes no volante, o cabelo a dobrar a curva antes do resto dela. O carro não a masculinizava. Tornava ainda mais evidente que a feminilidade dela nunca dependeu da fragilidade, nem a elegância da lentidão, nem a graça de quem espera autorização para entrar.

Há mulheres que entram na memória por uma frase. Outras por um perfume. Outras por uma cidade que de repente recusa ser apenas uma cidade e passa a ser a prova de que certos momentos existiram e não podem ser desfeitos. A Cecilia entrou de outra maneira, entrou por uma presença que eu sentia antes de a ver, como quem sente a mudança de temperatura antes de perceber que abriram uma janela. Por aqueles olhos que não pediam atenção mas que, uma vez encontrados, eram difíceis de

perder sem alguma espécie de pequena perda interior. Por uma voz que falava sempre um tom abaixo do necessário, como se soubesse que os que valessem alguma coisa se aproximariam para ouvir. Entrou por uma equação impossível entre inteligência e corpo, entre distância e perda, entre a mulher que existiu e a mulher que fui construindo à sua volta como se construir fosse o mesmo que possuir, que é o engano fundamental do escritor e, talvez, também do amante que fui e às vezes as duas coisas são o mesmo homem a cometer o mesmo erro de ângulos diferentes. Não foi apenas uma mulher que amei. Foi também uma mulher que escrevi e escrever uma mulher, aprendi tarde de mais, é uma forma de a perder duas vezes: primeiro na vida, depois na tentativa vã de a segurar numa página que fica sempre aquém do original.

A Chiara sabe alguma coisa disto, embora talvez de um ângulo diferente. Também ela entrou nas histórias, embora os leitores nunca tenham percebido a importância real que teve. Nas versões publicadas, foi muitas vezes presença lateral, elegante, uma cúmplice, uma amiga, uma amante, uma rival, que aparecia quando a narrativa precisava de uma porta aberta para outro círculo. Mas a vida foi, como de costume, menos arrumada do que os livros e a Chiara foi mais central do que parecia. Talvez porque certas pessoas são exactamente isso, não o centro do quadro, mas a mão que muda a luz sobre o centro do quadro e sem essa mão o que fica é uma tela bem pintada e fria.

Lembro-me da Cecilia em Milão, não a Milão dos postais e dos turistas mas a outra, a das portas pesadas que guardam pátios onde as árvores crescem protegidas da rua como segredos que a cidade guarda de si própria, dos apartamentos onde o luxo não se oferece à passagem mas respira, dos restaurantes onde a discrição custa mais do que a comida e todos sabem que estão a pagar exactamente por isso e ninguém se queixa. A Milão das mulheres que envelhecem melhor do que os homens porque aprenderam cedo que o gesto inútil envelhece mais depressa do que qualquer rosto. Lembro-me dela também no Lago di Como, onde a água tem aquela cor que nenhum tintureiro copiou ainda com fidelidade, um azul-esverdeado que o lago parece ter inventado para si próprio algures entre um inverno lombardo e a chegada dos primeiros turistas do Norte e onde a beleza acumulada durante séculos acabou por se tornar uma espécie de exigência moral da paisagem. Em Saint-Moritz, onde o frio aristocrático das montanhas confere aos ricos uma desculpa para usarem tecidos excelentes e onde o silêncio da neve convida a uma intimidade que ninguém pediu mas que acontece, que sempre acontece quando as pessoas estão suficientemente longe da cidade que as define. Em Provence, onde a luz tem aquele filtro

suave e levemente indulgente de quem perdoou ao longo dos séculos coisas maiores do que a confusão dos vivos. Em Saint-Barth, onde o mar existe apenas para recordar que o paraíso, quando existe, raramente nos pertence e quando nos pertence é sempre por pouco tempo.

Mas não escrevo isto para fazer um inventário de lugares. Os lugares, neste livro, são apenas a forma exterior de uma deslocação mais íntima e menos confessável. Milão não é apenas Milão, é a cidade onde imagino a Cecília a ser inteiramente ela própria e, portanto, menos minha, se é que alguma vez foi minha, se é que essa posse não foi desde o princípio apenas a ilusão que o desejo constrói para si próprio antes de a realidade chegar a desfazê-la. O Lago di Como não é uma paisagem, é o cenário onde a beleza se torna uma acusação silenciosa, porque certas vidas continuam esplêndidas depois de termos saído delas e isso é difícil de aceitar com a graciosidade que a situação exigiria. Saint-Moritz não é neve e hotéis, é a elegância cruel da distância. Provence não é lavanda e pedra e vinho branco, não, é a hipótese de uma paz que talvez nunca tenha existido. Saint-Barth não é mar, é a prova de que o paraíso, quando existe, raramente nos pertence. Há mais lugares, mais assim, com função na vida de quem escreve e de quem é escrito.

Não sei se amamos as mulheres que conhecemos ou as versões delas que a nossa esperança fabrica enquanto dormimos. Provavelmente amamos ambas e é por isso que depois sofremos com tanta competência e por tão longo tempo. A Cecília foi, para mim, uma mulher real e uma construção interior, pois teve voz, corpo, agenda, família, trabalho, desejos e escolhas que não me pediram autorização para existir nos meus livros, mas teve também o lugar que lhe dei nesses mesmos livros, esse lugar onde eu podia aproximá-la ou afastá-la, salvá-la ou condená-la, fazê-la olhar para mim nos momentos em que na vida já estava a olhar para outro lado, que é exactamente o tipo de onipotência barata que a escrita oferece e que os escritores deveriam ter a honestidade de confessar, em vez de a apresentarem como vocação.

Há uma obscenidade secreta em escrever sobre alguém que se amou. Dizemos que é literatura, que é memória, que é transfiguração e que é o velho dever de transformar a experiência em forma. Tudo isso pode ser verdade e ao mesmo tempo uma grande mentira, pois há também apropriação. Sempre. A mão que pega no que foi dos dois e o declara propriedade de um só, porque foi um só que ficou com a caneta. Talvez por isso este livro tenha de começar com alguma humildade, ainda que a humildade nos escritores seja quase sempre apenas vaidade... e da pior, porque tenta esconder-se.

## CECILIA

Não venho corrigir os livros anteriores que, diga-se, são uma valente merda e escritos antes deste prólogo, mas já muito depois dos capítulos seguintes. Não venho pedir desculpa ao Matteo, seria tarde e provavelmente hipócrita, porque ele era mesmo um verdadeiro filho da puta. Não venho devolver à Cecília uma pureza que ela nunca pediu e que eu não teria autoridade para conceder, mas que também nunca teve. Venho fazer uma coisa mais difícil que é olhar para a personagem que criei e perguntar o que ela escondia da mulher que existiu. Porque talvez a verdadeira Cecília não esteja na mulher que eu amei, nem na que ele desposou, nem na que atravessa Milão ao volante de um Porsche, nem na acadêmica que fala de polímeros com a precisão de quem conhece as ligações invisíveis da matéria. Talvez esteja no intervalo entre todas essas imagens. Naquilo que nenhuma delas esgota. Na zona onde uma mulher escapa ao homem que a amou, ao homem que a perdeu, ao homem que a escreveu e, felizmente para ela, ao homem que agora tenta compreendê-la.

Este será, portanto, um livro sobre a Cecília. Mas também sobre as minhas versões da Cecília. Sobre a mulher que existiu, a que inventei, a que desejei, a que castiguei nos outros, a que salvei nas páginas, a que perdi na vida, a que talvez nunca tenha sido minha senão por breves instantes e mesmo esses, como todos os instantes que importam, já devem estar contaminados pela memória que a literatura me ensinou a ter, que é uma memória mais bonita e menos fiel do que aquela que sucedeu.

Não há aqui inocência. Há memória. Há desejo. Há vaidade. Há luto. Há cidades. Há uma mulher que não pedia licença a ninguém. Há um homem morto a quem chamei Matteo para poder odiá-lo e insultá-lo e que morreu sem que eu tivesse tido a generosidade de parar. Há uma amiga chamada Chiara, mais central do que parece e mais silenciosa do que deveria ter sido. Há Milão, Vicenza, o Lago do Como, Saint-Moritz, Provence, Saint-Barth e muitos outros lugares. Há os livros que escrevi antes deste, todos eles a tentar dizer sem dizer, esconder mostrando, confessar disfarçando e a pagar sempre o preço de não terem tido coragem suficiente para fazer nenhuma das três coisas com a honestidade que a situação exigia.

E há agora este livro, que começa onde os outros pararam.

Começemos então pelo Lago di Como, quando nos conhecemos.



# 1

## *A Mulher Que Mudou a Mesa*

Alle Darsene di Loppia, Bellagio, Lago di Como, fim de tarde

A Chiara levantou-se antes de eu perceber quem tinha entrado. Estávamos a meio da segunda garrafa, uma daquelas garrafas que se abrem porque ninguém quer ser o primeiro a sugerir que o jantar acabe e ela, que até ali falava comigo com a atenção justa de quem conhece um homem há tempo suficiente para não se esforçar, virou a cabeça para a entrada e endireitou as costas sem dar por isso. Foi o gesto que me avisou. Antes de ouvir um nome, antes de ver um rosto, vi a Chiara mudar de postura como se uma corrente de ar tivesse atravessado o terraço e só ela a tivesse sentido.

O Alle Darsene di Loppia fica naquele canto de Loppia onde quase não chega o barulho dos barcos a motor. Tínhamos chegado por causa de uma conversa que não era bem um jantar e não era bem trabalho, uma dessas reuniões disfarçadas que eu fazia então com a naturalidade de quem já não distingue o que faz por interesse do que faz por hábito. Havia uma família do Norte com um automóvel clássico, uma coleção, uma fundação que precisava de melhorar a sua imagem e um problema que ninguém queria escrever num email. A Chiara conhecia toda a gente e não trabalhava para ninguém, o que a tornava útil de uma maneira que ela própria achava graça em desmentir. Eu tinha ido ouvir. Ouvir é metade do meu ofício e a parte que ninguém factura como deve ser.

O empregado percebeu-a antes de mim. Foi essa a primeira coisa. Largou a garrafa que estava a mostrar a uma mesa ao lado, disse qualquer coisa baixa ao colega e tirou uma cadeira da mesa vizinha sem que ninguém lha pedisse, encaixando-a no nosso ângulo com a precisão de quem já tinha feito aquilo outras vezes para a mesma pessoa. Não houve aparato. Houve só uma reorganização discreta do espaço, como se a mesa em que estávamos tivesse sido construída para três e nós nos tivéssemos enganado a sentar dois.

— Chegas tardo Como sempre — disse a Chiara, em italiano, mas a sorrir de uma maneira que desmentia a queixa.

— Cheguei à hora a que disse que chegava. Tu é que vens sempre cedo para depois te queixares.

A voz dela vinha de trás de mim. Falava baixo, mais baixo do que o terraço pedia e por isso fui obrigado a fazer o que toda a gente fazia àquela voz, que era inclinar-me ligeiramente para a frente sem perceber que me estava a inclinar. Quando me virei, já a Chiara a abraçava e o que vi primeiro não foi o rosto, foi a maneira como as duas se tocaram, uma familiaridade de mão na nuca e de cara contra cara que não se aprende em jantares, que vem de muito antes, de uma intimidade com história. Reparei nisso antes de reparar em mais nada. Reparei e guardei, com aquele instinto desagradável que tenho de arquivar o que ainda não sei usar.

— Este é o português de quem te falei — disse a Chiara, e havia uma ironia na palavra português, como se o país fosse uma profissão. — Anda a salvar empresas que não sabem que se estão a afundar.

— Não salvo nada — respondi. — Só explico às pessoas o que elas já decidiram, mas de uma maneira que as deixe acreditar que foi ideia delas.

A Cecilia estendeu-me a mão. Apertou a minha com firmeza, sem aquela moleza de mulher que aprendeu que deve dar a mão como quem empresta uma luva e disse o nome dela de uma forma que não pedia que eu o repetisse para confirmar. Sentou-se na cadeira que o empregado tinha encaixado. Não agradeceu a cadeira. Não porque fosse mal-educada, mas porque aquela cadeira não era um favor, era uma consequência e ela vivia num mundo onde as cadeiras aparecem.

Pedi água com gás antes de o empregado perguntar o que queria e quando ele veio com a garrafa olhou para a nossa, leu o rótulo de longe, num relance, e disse que daquele preferia esperar pelo prato. Não foi um comentário sobre vinhos. Foi um comentário sobre a ordem das coisas, sobre o facto de eu e a Chiara termos começado a beber sem método e ela ter entrado para repor uma cadência que nenhum de nós tinha. Senti-me, durante um segundo, apanhado a fazer algo errado e o pior é que ela nem tinha tentado que eu me sentisse assim. A reprovação, quando existiu, foi minha, fabricada por mim, contra mim.

A conversa começou leve, como começam as conversas que vão ficar pesadas. A Chiara puxou histórias de gente comum a elas as duas, nomes que eu não conhecia ditos com aquela pressa de quem conta um episódio só para chegar à frase final. A Cecilia ria pouco e bem. Tinha um modo de rir que não enchia o terraço, que ficava entre as três pessoas da mesa. Não era uma mulher que precisasse de ser ouvida por todos. Eram os que valiam a pena que se aproximavam para a ouvir e os outros não interessavam para o que quer que fosse.

Foi a Chiara, claro, quem deixou cair o assunto que me interessava sem saber que me interessava ou, sabendo perfeitamente, que com ela nunca se sabia.

— A Cecilia trabalha com aquelas coisas dos materiais. Patentes, fábricas, essas coisas que ninguém entende e que valem milhões.

— Não valem milhões — corrigiu a Cecilia. — Custam milhões. É diferente. Quem ainda não percebeu a diferença é que perde dinheiro.

— E que coisas são essas? — perguntei e fiz a pergunta da maneira como faço sempre as perguntas de que me interessa a resposta, com um desinteresse calculado, como quem pergunta as horas.

Olhou para mim antes de responder. Foi um olhar curto, mas suficiente para eu perceber que a pergunta tinha sido lida como pergunta e não como conversa de mesa. Não respondeu logo. Bebeu um pouco de água, pousou o copo de maneira a que a base ficasse no centro do guardanapo, e só depois falou.

— Polímeros. Propriedade industrial. Sobretudo a parte pouco glamorosa: pegar numa coisa que funciona no laboratório e fazê-la funcionar numa fábrica. Sem a estragar. E sem a tornar tão cara que ninguém a compre. Quase ninguém faz bem essa travessia. Há universidades cheias de invenções brilhantes que nunca saíram do tabuleiro de vidro porque ninguém pensou no que acontecia quando se multiplicava por mil.

— E sabes fazer essa travessia.

— Eu sei onde é que se costuma morrer afogado — disse ela. — Não é a mesma coisa, mas chega para cobrar.

A Chiara riu-se daquilo com o à-vontade de quem já tinha ouvido a frase, ou variações dela, e olhou para mim com uma satisfação ligeiramente perversa, como quem apresenta dois animais que sabe que se vão entender ou destruir e que se diverte igualmente com qualquer dos resultados. Pediu o pedido por nós os três, ainda em italiano, com a desenvoltura de quem já tinha jantado ali tantas vezes que dispensava a carta e durante esse intervalo eu fiz o que se faz quando se quer ganhar tempo, que é olhar para o lago e fingir que o lago me interessava mais do que a mulher que tinha chegado tarde.

A água, àquela hora, estava a escurecer num azul difícil de nomear. As luzes da margem oposta começavam a acender-se uma a uma, sem coordenação, como se cada casa decidisse por si quando a tarde tinha acabado. Passou um barco de madeira devagar, deixou um rasto, o rasto desfez-se e quando voltei a olhar para a mesa a Cecilia estava a olhar para mim e percebi que tinha estado a observar-me a olhar para o lago e que tinha tirado dali alguma conclusão que eu não ia ter o prazer de conhecer.

— Disseste que explicas às pessoas o que elas já decidiram — começou ela. — Isso é conversa de consultor pago à hora. Os outros, os que ganham a sério, fazem outra coisa.

— E o que fazem os outros?

— Mudam a decisão antes de ela parecer decisão. Trabalham mais cedo, na água acima. Quando o cliente acha que está a escolher, muitas vezes já está só a confirmar.

Não respondi de imediato. Há perguntas que se respondem mal por pressa e aquela não era sequer uma pergunta, era um diagnóstico e era um diagnóstico exacto, do género que prefiro fazer aos outros do que receber. A Chiara mexia no vinho com o ar de quem tinha desaparecido da conversa de propósito, satisfeita, e eu percebi que a posição em que me tinham colocado era a de explicar uma profissão que prefiro não explicar diante de alguém que claramente já a tinha desmontado antes do prato principal.

— Digamos que trabalho com reputação — disse, por fim. — Empresas, fundos, às vezes famílias. O que as pessoas pensam de uma coisa pode valer tanto como a coisa. Às vezes mais. Eu tento que pensem a coisa certa no momento certo. Quando não há momento, fabrico um.

— Influência.

— Influência é a palavra que os jornais usam quando descobrem isto e querem que pareça crime. Eu prefiro chamar-lhe trabalho.

— E é crime?

— Quase nunca — respondi e ela sorriu pela primeira vez de uma maneira que não era educada, que era divertida e o sorriso mudou-lhe alguma coisa no rosto que eu não vou descrever agora porque na altura também não a soube descrever, soube apenas que tinha visto qualquer coisa que ia querer ver outra vez.

Chegou a comida. Houve aquele intervalo de pratos a serem colocados, pimenta oferecida e recusada, pão partido, em que as conversas perdem o fôlego e recomeçam mais lentas. A Cecilia comia como quem não fingia que não tinha fome, o que me agradou de uma maneira que não soube justificar. Comia devagar mas a sério. E entre garfadas voltou ao assunto e foi voltar ao assunto que selou a noite, porque eu tinha um problema verdadeiro e ela percebeu antes de eu o confessar que eu tinha um problema verdadeiro.

— Esses materiais de que falavas — disse eu, lançando a isca como se fosse curiosidade. — O grafeno, por exemplo. Fala-se disso há anos. Conferências, prémios, promessas. E depois quase nada chega ao mercado.

Foi um erro pequeno, mas foi um erro, porque ao dizer grafeno entrei num terreno que era dela e fingi que estava só a passear. Pousou o garfo.

Não bruscamente. Pousou-o como se a conversa tivesse passado de uma sala para outra e ela precisasse das duas mãos para a nova sala.

— O grafeno não é uma promessa — disse. — É uma expectativa mal vendida. Há aplicações que funcionam hoje, agora, em fábricas que ninguém visita. O problema nunca foi só o grafeno. Foi terem-no vendido como milagre antes de saberem dispersá-lo numa resina sem fazer grumos. Quem promete milagres acaba quase sempre com grumos.

— Dispersá-lo.

— Distribuí-lo de maneira uniforme dentro do material. Se não conseguéssemos fazer isso à escala industrial, ficamos com partículas todas amontoadas num canto e o resto fica igual ao que era. Pagaste caro por nada. E depois vem a secagem, o custo do pó, a compatibilização. São dez problemas pequenos. Ninguém quer perder tempo com problemas pequenos, porque isso não dá entrevistas.

A Chiara olhou para mim por cima do copo e nesse olhar havia uma pergunta que não precisou de ser dita. Sabia, ou suspeitava, que eu andava precisamente à volta disto. Tinha-me ouvido a queixar, dias antes, de um cliente impaciente, de um fundo que tinha posto dinheiro numa tecnologia e queria saber se tinha posto dinheiro numa coisa real ou numa apresentação bonita e da minha equipa que não me dava uma resposta clara porque os engenheiros falam por hipóteses e os fundos querem certezas. E ali estava aquela mulher, que tinha chegado tarde a um jantar para o qual não estava convidada, a descrever-me a doença do meu próprio cliente sem nunca ter ouvido o nome dele.

Não lhe contei nada. Há um ponto na minha profissão em que se aprende a não contar mesmo quando a outra pessoa parece estar a contar por nós e aquele era um desses pontos. Mas devo ter feito alguma coisa com o rosto, ou não ter feito alguma coisa que devia, porque ela parou de falar do grafeno e olhou para mim com uma curiosidade nova.

— Estavas a perguntar por interesse ou por trabalho? — disse.

— Não há diferença, com o tempo. É a doença da profissão.

— É a doença de muita gente que conheço — respondeu, e havia ali, naquela frase curta, todo um mundo de pessoas que ela conhecia e eu não, um mundo de jantares onde o interesse e o trabalho tinham deixado de se distinguir há tantas gerações que já ninguém se lembrava de ter sido de outra maneira.

Foi aí que percebi a distância. Não a distância de dinheiro, que eu tinha, à minha maneira, ganho à custa de uma vida que não conto a toda a gente e que me chegava para estar naquela mesa sem fazer contas. A outra distância. A Chiara conhecia a Cecília, a Cecília conhecia o restaurante, o

restaurante conhecia a Cecília e tudo aquilo tinha uma gramática que eu falava com sotaque. Eu sabia pedir o vinho certo. Sabia o nome das famílias. Tinha sido casado, durante mais de dez anos, com uma mulher de uma casa do Porto onde o dinheiro era tão antigo que tinha vergonha de si próprio e por isso conhecia melhor do que muitos a arte de não levantar a voz, de não mostrar, de deixar que a pertença falasse por nós sem precisar de provas. Conhecia esse código. Mas era um código português e ali, naquele terraço, falava-se outro, mais veloz, mais visual, mais europeu. Conhecer uma aristocracia não dava entrada em todas. Cada uma tinha o seu dialecto e eu estava, naquele momento, a ser educadamente recebido numa sala onde nunca tinha nascido.

Não disse nada disto, evidentemente. Disse outra coisa, mais leve, qualquer coisa sobre Portugal e Itália e os dinheiros que falam baixo e os que falam alto e a Cecília ouviu-me com atenção e respondeu-me com uma observação sobre a diferença entre as famílias que protegem o que têm e as que ainda têm de provar que o merecem e eu não soube se aquilo era sobre os outros ou sobre mim e suspeito que ela própria deixou a frase por resolver de propósito, porque já tinha percebido que comigo a melhor maneira de me manter à mesa era deixar-me com uma frase por resolver.

A Chiara, a certa altura, foi à casa de banho, ou disse que ia, e demorou o tempo exacto de uma mulher que sabe que duas pessoas precisam de cinco minutos para descobrir o que vão fazer com a noite. Ficámos os dois. O empregado encheu os copos sem perguntar. As luzes da margem já estavam todas acesas. A Cecília olhou para o lago, agora ela, e foi a minha vez de a observar a olhar e percebi que estávamos a fazer turnos, que cada um esperava que o outro se distraísse para o ler e que nenhum de nós se distraía verdadeiramente.

— A Chiara não volta já — disse ela, sem se virar.

— Não.

— Faz sempre isto. Acha que é discreta.

— E não é?

— É a coisa menos discreta que conheço. Mas tem boas intenções. E isso é quase pior. As boas intenções da Chiara dão sempre trabalho a quem está por perto.

Riu-se, daquela maneira que ficava na mesa e eu ri-me também e durante um instante houve entre nós aquela coisa que não tem nome e que toda a gente reconhece, a sensação de que a conversa tinha passado a ser sobre nós sem nunca ter sido sobre nós, de que falar de grafeno e de patentes e da Chiara tinha sido o caminho mais longo e mais inteligente para

chegar exactamente ali, ao silêncio que se seguiu e que nenhum de nós teve pressa de estragar.

— Tenho de voltar a Bergamo amanhã — disse ela, por fim, como quem fecha uma porta para abrir outra. — Tenho o carro aqui perto. A Chiara fica no Como esta noite, em casa de uns amigos. E eu já não tenho vontade de jantar mais nada. Já jantei.

— E o que tens vontade de fazer?

Olhou para mim. Foi um olhar longo, agora, sem turno, sem disfarce, um olhar que durou o tempo de uma decisão a ser tomada e percebi que a decisão estava a ser tomada ali, naquele instante, não tinha sido tomada antes nem ia ser explicada depois.

— Estás no Tremezzo? — perguntou.

— Estou.

— É um sítio decente para acabar uma noite que não era para continuar — disse ela, e pegou no copo que tinha recusado no início, o do vinho que tinha mandado esperar pelo prato e bebeu, finalmente, como quem dá uma noite por aprovada.

A Chiara voltou nesse momento, com o tempo de uma mulher que tinha ouvido a frase importante através de uma parede que não existia e bateu palmas baixinho, de troça, e disse que estávamos os dois insuportáveis e que não percebia como tinha conseguido aguentar o jantar inteiro com aquela tensão toda à frente das vieiras. O empregado trouxe a conta sem que ninguém a pedisse. Paguei eu, sem aparato, e a Cecilia deixou-me pagar sem comentar e levantou-se e quando se levantou a mesa ficou outra vez do tamanho a que se tinha habituado a estar antes de ela chegar, mais pequena, mais comum. Durante duas horas aquela mulher tinha sido o centro de gravidade do terraço inteiro sem ter feito nada para o ser e eu, que vivo de mover centros de gravidade alheios, tinha estado todo aquele tempo a ser movido sem dar por isso.

Lá fora, na escuridão do caminho que desce para a água, ela disse à Chiara qualquer coisa em italiano demasiado rápido para eu apanhar e a Chiara respondeu com uma gargalhada que ficou a flutuar sobre o lago e depois ouvi, antes de o ver, um motor a acordar, baixo e seguro, sem pressa de provar nada e percebi o barco e que a noite, queira eu ou não, tinha decidido continuar.



# 2

## *A Outra Margem*

Travessia do lago, Lago di Como, noite e manhã seguinte

O barco do hotel já esperava no pontão de Loppia quando descemos e foi a primeira vez naquela noite em que a Cecilia não teve nada para decidir, porque a logística estava decidida antes de nós, como costuma estar tudo o que é caro o suficiente para não se fazer notar. Não houve telefonema à minha frente, não houve combinação, não houve aquele momento embaraçoso em que alguém pergunta como é que se atravessa o lago a esta hora. Houve um homem de pé na proa, com um casaco escuro abotoado até cima por causa do frio que sobe da água, a segurar uma corda, e houve a madeira a brilhar sob a única luz do pontão, verniz escuro e cromados que alguém tinha limpo nessa tarde para que ninguém reparasse que estavam limpos.

O carro dela ficou para trás. Tinha-o estacionado num daqueles recantos de Loppia onde os locais sabem que se pode deixar um carro sem que ninguém o incomode e quando passámos por ele a Cecilia pousou-lhe a mão no tejadilho de passagem, um toque rápido, quase distraído, como quem confirma que uma coisa fica onde a deixou e não precisa de mais explicações. Não atravessámos com o carro porque não se atravessa o lago de carro e por um instante ridículo pensei que ela talvez quisesse dar a volta toda por estrada e ela percebeu o pensamento antes de eu o formular, porque disse, sem olhar para mim, que o carro dormia em Bellagio e que amanhã se via e nessa frase curta havia uma segurança sobre o amanhã que eu ainda não tinha autorização para partilhar.

A Chiara veio conosco até à água mas não entrou. Foi essa a parte que demorei a entender e que só entendi muito mais tarde, quando já não servia de nada entender. Levou-nos ao pontão como quem leva duas pessoas a uma porta, deu um beijo à Cecilia, demorado, com a mão na nuca outra vez e disse-lhe ao ouvido qualquer coisa que a fez rir baixo e depois virou-se para mim e disse, em italiano, que eu tratasse bem da amiga dela ou que teria de me explicar a um lago inteiro de gente que me conhecia menos do que pensava. Ria-se ao dizê-lo. Mas era a Chiara que ficava na margem e éramos nós que partíamos e foi ela quem deu o pequeno empurrão na decisão, ela quem encheu a noite de razões para continuar e depois se afastou

para a deixar acontecer sem ela, com a satisfação de quem abriu uma porta e fingiu não a ter aberto. O motor arrancou baixo. A Chiara ficou no pontão a acenar de um modo trocista, com a mão alta, e a luz amarela foi ficando mais pequena e a gargalhada dela atravessou a água atrás de nós muito depois de já não a vermos.

Atravessar o Lago di Como de noite num barco de madeira não tem nada de poético enquanto está a acontecer. Faz frio, o vapor do lago entra pela gola, o motor fala baixo mas constante e a água que bate no casco bate com uma regularidade de coisa viva que respira ao lado de quem vai sentado. A Cecilia tinha-se enrolado numa manta que o piloto lhe estendeu sem perguntar, daquelas que os bons hotéis guardam para mulheres que decidem atravessar lagos de vestido e ficou a olhar para a margem de onde vínhamos, não para onde íamos, o que me pareceu na altura uma distração e que era, percebi-o depois, exactamente o contrário de uma distração. Olhava para trás como quem confere o que deixou. Bellagio recuava devagar, com as suas luzes desordenadas, cada casa a decidir por si quando a noite tinha começado e do outro lado a montanha aproximava-se como uma massa mais escura do que o céu.

Não falámos quase nada na travessia. Eu, que vivo de pôr as pessoas a falar, fiquei calado a fazer contas que não tinham números, a perceber que aquela água não era só água, que entre a margem que ela vigiava e a margem para onde íamos havia uma distância que não se media em metros. Ela pertencia a tudo aquilo de uma maneira que eu não pertencia. Conhecia o homem do barco, ou um homem como aquele, conhecia o frio, conhecia a manta, conhecia a hora a que se pode chegar a um hotel sem que ninguém ache estranho. Eu tinha pago jantares como aquele, tinha dormido em hotéis como aquele, tinha sido casado durante mais de dez anos com uma mulher de uma casa do Porto onde as travessias se faziam noutra língua e com a mesma naturalidade. E mesmo assim, ali, com o vento a desfazer-me o pouco penteado que ainda tinha, era eu o passageiro e era ela quem ia para casa, embora a casa não fosse dela.

O Grand Hotel Tremezzo apareceu por baixo, primeiro o reflexo das luzes na água e só depois o edifício, rosado e alto contra a montanha, com aquela fachada que de noite parece menor do que de dia porque a escuridão lhe come os andares de cima. Encostámos à marina sem aparato. Outro homem segurou a corda, deu a mão à Cecilia para ela subir, deu-ma a mim também sem fazer diferença entre os dois e a partir daí foi uma sucessão de pessoas que sabiam o que fazer sem que ninguém lhes dissesse, um porteiro que disse boa noite com o nome dela e não com o meu, um corredor de pedra com flores numa jarra demasiado alta, uma alcatifa que comia

o som dos passos, um elevador antigo com espelho onde nos olhámos os dois ao mesmo tempo e os dois fingimos que não.

A suite dava para o lago, claro, porque tudo ali dava para o lago e a primeira coisa que ela fez foi abrir a porta do terraço apesar do frio, como quem precisa de confirmar que a vista continuava do mesmo lado. Do terraço via-se Bellagio, a margem de onde tínhamos vindo, agora pequena e dourada do outro lado da água escura e tive a sensação desagradável e nítida de que estávamos a olhar para o sítio onde a Chiara ainda devia estar a acenar para barco nenhum. A Cecilia ficou ali um bocado, encostada à balaustrada, com os braços cruzados por causa do frio e eu não fui ter com ela logo, porque com ela cheguei a pensar que, se me aproximasse depressa de mais, talvez nunca mais chegasse.

Pedi ao serviço o que se pede a essa hora, água, qualquer coisa quente, e a rapariga que trouxe o tabuleiro trouxe também, sem que eu tivesse pedido, um estojo de casa de banho com escovas de dentes de bambu embrulhadas em papel, três, não duas, porque os hotéis daquele tamanho contam sempre por excesso para não obrigarem ninguém a pedir o que tem vergonha de querer. Pus o estojo no lavatório sem pensar. Foi a Cecilia, mais tarde, ao passar pela casa de banho, que reparou nas três escovas e pegou numa, desembulhou-a e disse, com aquele meio sorriso que ficava entre as pessoas e não enchia o espaço:

— Três. A Chiara ia gostar. Ela diz que a vida de uma mulher se mede pelas escovas que lhe sobram em hotéis onde não devia estar.

Disse aquilo com ternura e disse-o para me magoar, embora talvez nem soubesse que me magoava e o nome da Chiara entrou na casa de banho e ficou. Foi a primeira vez que senti, com uma clareza estúpida, o ciúme errado, o de quem percebe que chegou tarde a uma intimidade que já existia antes dele e que continuaria a existir sem ele. Não era ciúme de um homem. Era pior, porque com um homem eu sabia jogar. Era ciúme de uma coisa entre as duas que tinha uma língua própria, contas próprias, escovas de dentes próprias e à qual eu não tinha sido apresentado e nunca seria, porque essas coisas não se apresentam, herdam-se ou ficam-se de fora.

Deixei a escova dela no copo e a minha no outro e a terceira ficou embrulhada e a terceira escova embrulhada foi durante o resto da noite a coisa mais presente da casa de banho, a Chiara fechada num papel à espera de uma mulher que estava no Como a dormir em casa de uns amigos e que ainda assim tinha conseguido estar ali connosco.

Quando voltei ao quarto a Cecilia tinha-se sentado na ponta da cama, descalça, com o vestido ainda vestido, a olhar para mim de uma maneira

que não era convite nem recusa. Era exame. E foi ali que percebi que tinha passado a noite toda a ser lido. Tinha andado a observá-la a olhar para o lago, a observá-la a comer, a observá-la a desmontar a minha profissão entre garfadas, convencido, com a vaidade que é a minha doença mais antiga, de que era eu quem a estava a estudar. E não era. Era ela. Tinha-me deixado pensar que conduzia a conversa pela mesma razão por que tinha deixado o empregado encaixar a cadeira sem agradecer, porque os outros a serviam sem ela pedir e eu tinha-a servido a noite inteira a oferecer-lhe informação sobre mim a troco de nada. Quando ergui os olhos para os dela e percebi isto, percebi também, na mesma fracção de segundo, que eram verdes, de um verde que àquela luz tinha qualquer coisa de água parada e que aquele verde não estava ali para ser bonito, estava ali para ler e que me tinha lido todo, da primeira garrafa ao barco e que tinha gostado o suficiente do que leu para não se ter ido embora, mas não tanto que me deixasse esquecer que tinha sido lido.

— Estás com medo? — disse ela.

— Não estou.

— Estás. Vês uma mulher e queres logo saber o que ela vai decidir. Antes dela própria saber, se puderes. É o teu ofício, não é? Trabalhar na água acima. Agora estás aqui, sem saber o que eu vou fazer. E isso assustate mais do que devia.

— E o que vais fazer?

— Não sei — disse ela, e foi a primeira coisa que disse a noite inteira que pareceu inteiramente verdadeira. — Talvez seja essa a diferença. Tu fabricas o momento certo. Eu espero que ele apareça.

Aproximei-me então, porque já não havia mais nada inteligente para dizer e a inteligência tinha sido, durante horas, a única coisa que nos tinha mantido afastados. Tirei-lhe o fecho do vestido sem pressa e ela deixou e o vestido caiu para a frente sobre os joelhos dela sem que nenhum de nós o segurasse e ficou ali e ela não o dobrou. Outras mulheres dobravam a roupa que tiravam, mesmo no escuro, mesmo a tremer, por um reflexo de ordem que vem de longe. A Cecilia deixou o vestido onde caiu. A pele dela tinha o frio do terraço ainda agarrado, frio na superfície e quente por baixo, e quando a deitei e me deitei sobre ela houve um momento em que parou, com as duas mãos no meu peito, não a empurrar, a medir, a sentir o batimento como quem confirma uma coisa, e olhou-me com aqueles olhos que liam e eu percebi que ela ainda me estava a ler enquanto a despia, que o exame não tinha terminado e talvez nunca terminasse.

Foi devagar primeiro e depois de qualquer maneira, com a pressa de duas pessoas que tinham passado um jantar inteiro a serem civilizadas e

estavam fartas de o ser. Ela não fingiu nada. Não fez os ruídos que se aprendem a fazer para deixar um homem tranquilo, não disse o que se diz, ficou calada a maior parte do tempo, com a respiração a mudar de ritmo de uma forma impossível de imitar e por isso impossível de duvidar e a única vez que falou foi para me dizer ao ouvido que mais devagar e o mais devagar dela não era pudor, era exigência, era a mesma mulher que tinha lido o rótulo do vinho de longe e mandado esperar pelo prato, agora a mandar a noite ter a cadência certa porque a cadência errada estragava tudo. Obedeci-lhe. Obedecer-lhe foi, naquela cama, a coisa mais parecida com prazer que conheci em muito tempo e isso assustou-me mais do que o resto.

Quando acabámos, ficou de costas a olhar para o tecto, com uma mão pousada na barriga e a outra caída para o meu lado sem me tocar e foi naquele silêncio, que nenhum de nós teve pressa de estragar, que o ciúme voltou. Porque a Cecília tinha aprendido aquela calma com alguém e a calma dela depois do sexo era uma calma com história, sem a vergonha dos que ainda estão a aprender o próprio corpo e eu fiquei a pensar, deitado ao lado dela, na escova de dentes embrulhada na casa de banho e na frase que a Chiara lhe tinha dito ao ouvido no pontão e na maneira como as duas se tinham tocado na nuca e percebi que estava a ser injusto e que a injustiça não me passava com a clareza com que me chegava. Não tinha sido eu a conquistar aquela mulher. Tinha sido a Chiara a abrir a porta, a marcar o jantar, a desaparecer para a casa de banho durante cinco minutos, a deixar-me no pontão e eu tinha entrado por uma porta que outra pessoa segurava e tinha tido a vaidade de pensar que a tinha arrombado. A Cecília percebeu, claro. Percebia tudo.

— Estás a pensar na Chiara — disse, sem se virar.

— Estou a pensar que cheguei tarde a alguma coisa.

— Chegaste — disse ela, simplesmente e não acrescentou nada e foi a crueldade mais elegante que me fizeram em anos, porque podia ter mentido, podia ter dito que não, que eu imaginava coisas e em vez disso confirmou-me que havia um antes onde eu não cabia e deixou-me com isso na mão sem me explicar o que era. — Não te vou desenhar um mapa. Vais querer um, eu sei. És desses. Mas não há mapa. A Chiara é a Chiara. Tu és tu. Não é a mesma coisa. Nem tem de ser.

Adormeceu antes de mim, o que também me incomodou, porque sou eu quem costuma adormecer primeiro nas camas das mulheres, por hábito de defesa e ali fui eu quem ficou acordado a ouvir a respiração dela e o lago lá fora e, de vez em quando, um barco distante a atravessar a noite com a mesma teimosia com que nós a tínhamos atravessado.

De manhã pedimos o pequeno-almoço ao terraço, apesar do frio que de dia já era menos frio e foi servido com aquela discrição treinada de quem entra num quarto onde duas pessoas estranhas dormiram e não faz qualquer pergunta nem qualquer cara e isso, percebi, era o verdadeiro luxo daquele sítio, não a vista nem a alcatifa nem os cromados do barco, mas o direito de dois adultos fingirem, durante uma manhã, que a vida lá fora ia esperar. Ela pediu chá de menta. Eu fiquei pelo café. Havia água, havia pão toscano que não combinava com nada e era o melhor da mesa, havia fruta cortada a sério e havia a rressaca leve que vem menos do vinho do que do excesso de ter sentido e o lago, à luz da manhã, tinha a cor que ninguém copiou ainda, um azul que puxava ao verde e que não pedia desculpa por ser bonito a horas em que ninguém merecia tanto.

A Cecília provou o meu café sem pedir, inclinou-se sobre a mesa, segurou-me a chávena pela base com dois dedos e bebeu um gole e devolveu-a e disse que o café estava melhor do que a conversa que íamos ter e eu percebi que íamos ter a conversa e que ela tinha decidido tê-la àquela hora de propósito, porque àquela hora eu estava sem armadura nenhuma e ela sabia.

— Aquele teu cliente — disse, mordendo o pão. — O do grafeno que não sai do sítio. Não é teu, pois não? É de um fundo. E o fundo não quer saber, a sério, se a tecnologia funciona. Quer saber se ainda a consegue vender antes que alguém descubra. Estou perto?

— Estás a inventar.

— Estou a ler-te, que é diferente. Ontem perguntaste-me pelo grafeno com voz de quem pergunta as horas. Só que, quando alguém quer mesmo saber as horas, olha para o relógio. Tu olhaste para mim. Tinhas um problema. E não era teu, pelo menos não só teu.

Não respondi logo e o não responder foi a resposta e ela aceitou-a como resposta sem se gabar de ter acertado, que era a coisa mais perigosa que ela fazia, acertar e não cobrar.

— Posso ajudar-te — disse, depois. — Não por ti. Pelo problema. É bom. Há um problema bom dentro do problema mau do teu cliente e isso é raro. Irrita-me ver coisas dessas morrerem por má gestão. Mas tens de me deixar fazer perguntas a sério. E, para isso, vais ter de me dizer mais do que disseste ontem. Tu não dizes nada a ninguém, vê-se. Passaste a noite calado sobre a única coisa que te interessava.

— E o que ganhas tu?

— Não começas a fazer-me contas — disse ela, e foi a primeira vez que a vi quase irritada e a irritação assentava-lhe melhor do que o sorriso. — Tu fazes contas a tudo. É a tua maneira de não te assustares. Eu não